

**UNIVERSIDADE BRASIL
CURSO DE PEDAGOGIA**

VANEIDE AMOROSO DE ARAÚJO

VANESSA CONCEIÇÃO CARVALHO DOS SANTOS

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: OS CONTOS INFANTIS AFRICANOS
CONTRIBUINDO COM A IDENTIDADE AFRODESCENDENTE NO
BRASIL**

SÃO PAULO/SP

2017

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: OS CONTOS INFANTIS AFRICANOS
CONTRIBUINDO COM A IDENTIDADE AFRODESCENDENTE NO
BRASIL**

Vaneide Amoroso de Araújo

Vanessa Conceição Carvalho dos Santos

Curso de Graduação em Pedagogia

Orientador: Prof. Ms. Juliana de Castro Moreira da Silva

Relatório final, apresentado a Universidade Brasil,
como parte das exigências para a obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

SÃO PAULO/SP

2017

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Especialista Eliete de Oliveira Faria
Orientadora

Prof. Dr. MS. Paulo Cesar Carneiro Lopes
Afiliações

Prof. Especialista Marcelo Oliveira do Nascimento
Afiliações

São Paulo, 04 de junho de 2017.

Resumo

Nossa pesquisa teve como objetivo central a importância da contação de histórias: os contos infantis africanos contribuindo com a identidade afrodescendente no Brasil, vale ressaltar que existe uma lacuna por parte dos docentes em relação à apropriação desses contos, deixando de lado a literatura africana, uma grande ferramenta contra o preconceito existente e para o reconhecimento de outras culturas e fazendo com que haja cada vez mais o distanciamento das nossas origens. Nessa perspectiva entra o resgate do ato de narrar uma boa história, cada vez mais ao longo do tempo some com as novas tecnologias.

Palavras-Chave: Literatura africana; Identidade; Oralidade; Preconceito; Narrador; Contos.

1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Os Contos infantis Africanos contribuindo com a Identidade Afrodescendente no Brasil.

Dentro da nossa formação de profissionais da educação uma das ferramentas mais incríveis é a contação de histórias. Porque que se utiliza muito da oralidade na infância, a arte da narração de contar histórias é possibilitar adentrar o mundo da imaginação. Acionamos o cognitivo, a interação e a afetividade. Por isso veio em nossa mente às teorias de Piaget, Vygotsky e Wallon respectivamente:

- Teorias de Piaget – Conceção baseada na construção do conhecimento, formando nas crianças uma ação ativa na construção de seu conhecimento como teoria do desenvolvimento cognitivo, adaptando-se ao ambiente (conhecimentos prévios). Para Piaget o “pensamento” aparece antes da linguagem, que é apenas, uma de suas formas de expressão.
- Teorias de Vygotsky – Uma das suas concepções é a Interação Social que acontece da parte para o mundo. Para Vygotsky o “pensamento” e a linguagem são interdependentes, desde o início da vida.
- Teorias de Wallon – A principal concepção de Wallon é a afetividade, sendo ela porta de entrada para o conhecimento e esse processo acontece do todo para a parte.

Sem dúvida, acreditamos que a arte de narrar uma história tem sido esquecida e a importância da leitura no desenvolvimento da criança, vimos na formação acadêmica à contribuição que podemos oferecer aos educandos, usando essa atividade e aguçando a imaginação com a contação de histórias, principalmente os contos infantis africanos.

Valter Benjamin em “O Narrador” (1994, p.197) mostrou o caminho a ser trilhado para que possamos explorar em nossa graduação a importância que uma leitura têm e poder auxiliar ainda a prática do exercício, estimulando o desenvolvimento cognitivo da crianças. Segundo Benjamin, encarnava as duas possibilidades de narração arcaica, tanto na distância espacial quanto na distância temporal.

Benjamin então ressalta a importância do papel do narrador nessa dinâmica social; o narrador tem o poder de dar conselhos e analisar a vida coletiva, já que sua função é justamente trabalhar com histórias que são histórias comuns.

Foi à falta de incentivo à leitura de quando crianças, que nos despertou para a realização deste trabalho e nos transmitiu importantes emoções pelos momentos de interação e socialização, pois não obtivemos essa prática de contação de histórias infantis, nem pelos nossos pais e/ou pelos nossos professores, apenas mais tarde viemos a conhecer contação de histórias através de desenhos animados e gibis e posteriormente na Universidade o que então nos despertou a magia sobre histórias de contos infantis africanos e não só os famosos e clássicos contos europeus.

Ficamos a imaginar como poderíamos termos ido mais além, se fôssemos estimuladas a ouvirmos e recontarmos tais histórias africanas quando criança. Reconhecer a negritude existente dentro de nós e reconhecermos com tal.

Porém nada é perdido e ainda que de forma tardia, nos bancos universitários, percebemos a contribuição do educador na formação do cidadão e quanto o conhecimento nos possibilita a sair do senso comum.

Mas se até aqui houve uma lacuna, “os saberes” da universidade nos fizeram questionar também por que enfatizar somente os contos infantis europeus, que têm seus méritos, mas que apenas privilegiam uma etnia? E, mormente a etnia das classes dominantes? São essas histórias que devemos contar para as crianças?

Qual o nosso objetivo ao ensinar? E para que serve o que as crianças aprendem? Para criar possibilidades, ser um mediador de conhecimento, para formar cidadãos pensantes e críticos.

João Wanderley Geraldi aponta três tipos de concepções de linguagem.

“A linguagem é a expressão do pensamento”; “A língua é instrumento de comunicação”; “A linguagem é uma forma de interação”.

Nas três concepções apontadas por João Wanderley Geraldi, podemos perceber a diferença e já analisarmos o tipo de profissional que o professor pode ser:

A primeira, diz a respeito de: “A linguagem é a expressão do pensamento”.

Nesse tipo de concepção destaca-se quem não se expressa direito não sabe pensar.

A segunda, diz a respeito de: “A linguagem é instrumento de comunicação” Nesta concepção o professor precisa ser um transmissor para transmitir informações, conteúdos entre outros.

A terceira diz a respeito de: “A linguagem é uma forma de inter-ação” Pois existe uma troca onde o falante age sobre o ouvinte, existe a mediação o diálogo.

A partir dessa hipótese, juntas faremos uma imersão nos contos infantis africanos existentes, uma das etnias que fazem parte das três matrizes étnicas que formam a identidade do povo afrodescendente brasileiro.

Segundo Darcy Ribeiro, a etnia indígena e a etnia africana são simplesmente relegadas a segundo plano ou simplesmente ignoradas. As etnias formadoras das matrizes brasileiras são: a africana, a indígena e a branca.

Nosso mergulho dar-se-á objetivamente nos contos infantis africanos.

E assim buscamos não apenas contemplar um olhar de uma realidade europeia, mas o preenchimento dessa lacuna da qual Munanga Kabengele nos traz como busca de uma sociedade justa, igualitária e democrática no livro *Superando o Racismo na Escola* (Kabenguele, 2005).

“O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas.” (Kabenguele, 2005, p.16).

Abordaremos essa “historia” a partir de um povo vencido, esquecido, injustiçado.

Por que posso aceitar a mitologia de um deus do Trovão: branco, cabelos claros, olhos azuis, europeu e que possui um martelo, como Thor, e ignorar, repudiar um deus do Trovão: negro, cabelos crespos, olhos pretos, africano e que possui um machado, como Xangô? “O que faz aceitar um e rejeitar o outro?”

Em nossa pesquisa, estudando as particularidades e experiências individuais, a contribuição da narração em contação de histórias é muito valiosa, as etnias formadoras das matrizes brasileiras irão ressaltar os contos infantis dos mitos Africanos e comentaremos sobre discriminação racial. O presente trabalho será desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, livros, filmes, artigos.

”Todos, ou pelo menos os educadores conscientes, sabem que a história da população negra quando é contado no livro didático apresentado apenas do ponto de vista do “OUTRO” é seguindo uma ótica humilhante e pouco humana como escreveu o historiador Joseph Ki Zerbo, um povo sem história é como um indivíduo sem memória, um eterno errante”. (Kabenguele, 2005 p. 16).

"A África tem uma História". Joseph Ki-Zerbo (Afro-Ásia no. 46 Salvador, 2012).

"Nós devemos retornar a imaginação institucional das sociedades africanas à sua tradição de criatividade através da mais larga escala possível da ciência e da tecnologia, e nestas bases rearticular uma teoria e uma práxis que são apropriadas às suas situações. Nós devemos reconstruir a identidade da qual os povos africanos se tornaram alienados pelas vicissitudes da história e de sua própria amnésia." (Joseph Ki-Zerbo-1992. CEDA).

As escolas não trabalham como deveriam com as literaturas africanas, e quando os fazem é apenas uma leitura simplesmente comum.

A maioria dos contos que são lidos nas escolas normalmente são contos europeus e algumas crianças acabam não se identificando com tais histórias, geralmente essas histórias africanas são as “não” contadas cujos professores as deixam sempre para depois e acabam não dando tempo para uma leitura e passam despercebidas no cotidiano escolar, nossas crianças como parte do multiculturalismo poderão se espelhar de forma positiva, longe dos estereótipos que normalmente são rotuladas as histórias africanas.

No livro “As tranças de Bintou”, são abordados diversos temas sobre a cultura de um povo africano. Em que questões do dia a dia são abordadas como os costumes, o tipo de alimentação, como vivem as crianças, o comportamento das mulheres mais velhas, o respeito aos costumes dos mais velhos e as tradições. Neste livro enriquecedor são abordados pontos

positivos da cultura africana, de como trabalhar as diferenças, a diversidade, mostrar para as crianças a importância de conhecer outros tipos de literaturas, e que, as histórias africanas são tão envolventes como qualquer outra.

Segundo a autora Heloisa Pires Lima no livro “Superando o Racismo na Escola” a autora afirma que:

[...] O modelo repetido marca a população como perdedora e atrapalha uma ampliação dos papéis sociais pela proximidade com essa caracterização, que embrulha noções de atraso. O problema não está em contar histórias de escravos, mas na abordagem do tema. Geralmente, a queixa de crianças negras se sentirem constrangidas frente ao espelho de uma degradação histórica nos alerta que o mesmo mecanismo que ensina para o não negro uma superioridade. (Pires, 2005 p. 103 e 104).

Desse modo as crianças se sentem inferiorizadas diante das crianças brancas e não aceitam as suas origens, nós como futuras pedagogas devemos mostrar para os alunos que existe um olhar aberto para o mundo, no que tange o respeito à diversidade e a superação do racismo de todas as maneiras.

Segundo Munanga, “Um dos maiores problemas da nossa sociedade é o racismo, que desde o fim do século passado, é construído com base em especialização sócio cultural e histórico e não mais necessariamente com base na variante biológica ou na etnia”.

As histórias dos negros sempre nos chegaram como escravos, mas eles eram reis e rainhas em suas terras e nós não sabíamos. Histórias nunca contadas do ponto de vista “africano” apenas do ponto de vista “europeu”.

2 HISTÓRIA AFRICANA: racismo e preconceito

Respeitar a importância da Contação de Histórias dos contos africanos na Educação Infantil é resgatar o valor do ato de narrar às histórias, que tem sido esquecida.

Valter Benjamim (1994) afirma que:

“O narrador não está de fato presente entre nós. Uma experiência quase continua nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção, são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente às histórias”. (Benjamim, 1994 p.197).

Embora seja uma figura familiar, está ficando esquecido o ato de narrar, a troca de experiências, informações, a sabedoria de saber narrar uma boa história, de prender a atenção dos ouvintes, estão ficando extinta principalmente pelos meios de comunicação, a mídia, a internet, cada vez mais longe do calor humano. Esta nova geração conhece muito pouco sobre a narração e tão pouco se interessa, vive cada um no seu canto, com o celular nas mãos, até mesmo nas horas das refeições, estão perdendo o diálogo entre as famílias, estão ficando escassos. Nas escolas existe uma grande lacuna por parte de alguns professores, por lerem histórias mecanicamente de qualquer jeito e, por isso, as crianças não prestam mais atenção mesmo, e fica cada vez mais difícil reter a atenção dos pequenos pela oralidade por diversos motivos.

No capítulo “O narrador” quando Benjamim expõe sobre o ato de narrar que está em extinção, nesse sentido ele destaca que precisamos resgatar essas experiências dando a real importância ao narrador e as boas histórias, mostrando para as crianças uma realidade esquecida até então, seja pela falta de paciência em ouvir e falar, ou seja pela falta de tempo e excesso de tarefas a que os adultos carregam. Essas experiências eram trazidas pelos mais velhos.

De acordo com Darcy Ribeiro (1995)

“Entretanto, a rebeldia negra e muito menor e menos agressiva do que deveria ser. Não foi assim no passado as lutas mais longas e mais cruentas que se travaram no Brasil foram à resistência indígena secular e a luta dos negros contra a escravidão que duraram os séculos dos escravismos”. (“Darcy Ribeiro, 1995 p. 219, 20”).

“A luta mais árdua do negro africano e de seus descendentes brasileiros foi e ainda é a conquista de um lugar e de um papel participante legítimo na sociedade nacional. Nela viu incorporada à força”. (“Darcy Ribeiro, 1995 p. 220”).

Esta afirmação nos remete ao fato que existiu e ainda existe uma resistência em relação ao índio e o negro que são rejeitados e discriminados, não só pela sua cultura, no momento estamos falando de “Brasil”, vemos nitidamente a falta de oportunidades, em relação ao emprego, a escola e a vida. Mesmo buscando as possibilidades necessárias para caminhar, existe uma barreira em relação ao preconceito e racismo, assim as oportunidades lhes são arrancadas de suas vidas, embora pareça inaceitável ainda existe uma barreira e essa deve ser quebrada, tanto para com os índios, quanto para com os negros, pois todos nós temos o direito e o dever de praticar a alteridade para que esse país passe a evoluir em todos os sentidos.

Na nossa formação de futuros educadores é de extrema importância a cultura Afro-Brasileira, e tem a seu favor a Lei 9.934/96 trazida pela lei 10.639/03 de obrigatoriedade a História dos povos Africanos, obtivemos em nossos estudos uma visão mais ampla sobre esse tema que vem lutando até hoje por igualdades de oportunidades.

Na lei que foi aprovada pela câmara dos senadores e sancionada pelo presidente da Republica Luiz Inácio Lula da Silva, visando medidas populares de transformação social para uma população sofrida e excluída. A medida foi feita para garantir e reconhecer seus valores culturais, sociais e nas políticas educacionais, valorizando e garantindo seus direitos nas universidades e em todos os sentidos.

A Lei trazida em 2008 que regulamenta todas as instituições de ensino públicos ou privados de incluírem à Lei 11.645 de 2010 sendo obrigatório o ensino de história e cultura Afro-brasileira e Indígena. Para haver mudanças nas relações sociais é preciso respeitar a homologação e respeitar todas as culturas existentes em nosso país.

Para Santos:

“No tocante à educação da história e cultura indígena, a temática não foi privilegiada pela Lei 10.639/2003, deixando de atender reivindicações feitas, principalmente, por professores indígenas, em encontros realizados no país. [...] A legislação que veio atender essa demanda se concretizou em 2008, com a promulgação da Lei nº 11.645, trazendo o merecido reconhecimento e a valorização da luta dos negros e dos indígenas no Brasil e sua influência no desenvolvimento da nação, ao incluir, no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. (SANTOS, 2011, p.4).

“O ministério da Educação, através da secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), criada em 2004, reconhecendo a importância

fundamentada, para a formação de professores nos conteúdos da diversidade, a escola e seu currículo são impelidos, na atualidade, a incluir tal discussão só na mudança de postura dos profissionais da educação diante da diversidade etnicorracial, na distribuição e organização dos conteúdos escolares, sendo necessário o investimento na formação inicial e continuada dos professores.” Nilma Lino Gomes (GOMES). Ao que se refere à implementação da Lei 10.639/03, “diferentes grupos sociais e étnicorraciais” (GOMES, 2007, p. 70).

“Apesar de decorridos quatro anos após a sanção da Lei 10.639/03 e das iniciativas do Ministério da Educação, do Movimento Negro e dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros para sua implementação, ainda encontramos muitas resistências de secretarias estaduais, municipais, escolas e educadores (as) à introdução da discussão que ela representa” (GOMES, 2007, p.69).

Se a discussão sobre a identidade já é permeada de tanta complexidade e usos diversos, o que não dizer quando a ela somamos os adjetivos pessoais, social, étnico, de gênero, juvenil, profissional, entre outros?

Santos diz:

“Com efeito, a reprodução da ideologia dominante no Brasil, que no caso da educação é respaldada por uma visão eurocêntrica e monoculturalista, baseada numa suposta “democracia racial” e alicerçada numa aparente “competição da democrática” tem como consequência o impedimento da formação da identidade coletiva e da mobilização do segmento negro que atribui sua condição a questões estritamente socioeconômicas ou éticomorais (incompetência, preguiça, malandragem, etc.). Isso resultou em que poucos negros (as) viram necessidade para se organizar e lutar contra as condições de desigualdade racial” (SANTOS, 2008, p. 02).

Então, percebemos que a representação negra não é neutra, pois, de certa forma, os indivíduos são formados ou representados com intencionalidades de algum grupo social.

De acordo com Munanga:

“A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc.”. (MUNANGA, 1994: p.177-178).

O impedimento para a formação de sua identidade, no momento em que se percebem os/as negros/as inicia um trabalho de resistência para não se enquadrarem ao modelo imposto pela sociedade, em vista que a construção de uma identidade coletiva geradas sobre o grupo representa um grito para um não à invisibilidade difundida.

Conforme Gomes:

“Maior conhecimento das nossas raízes africanas e da participação do povo negro na construção da sociedade brasileira haverá de nos ajudar na superação de mitos que discursam sobre a suposta indolência do africano escravizado e a visão desses como selvagem e incivilizado. Essa revisão histórica do nosso passado e o estudo da participação da população negra brasileira no presente poderá cooperar também na superação de preconceitos arraigados em nosso imaginário social e que tendem a tratar a cultura negra e africana com exóticas e/ou fadadas ao sofrimento e à miséria”: Gomes (2010, p. 72).

Para entender a construção da identidade negra no Brasil é importante também considerá-la não somente na sua dimensão subjetiva e simbólica, mas, sobretudo no seu sentido político.

Munanga (1994) afirma:

“Tomada de consciência de um segmento étnico-racial excluído da participação na sociedade, para a qual contribuiu economicamente, com trabalho gratuito como escravo, e também culturalmente, em todos os tempos na história do Brasil” (MUNANGA, 1994: p.187).

Em outras palavras, a sociedade se beneficiaria em muitos sentidos: tanto pedagógicos, no tocante a uma visão mais afirmativa da diversidade étnico-racial, quanto política, na problematização das relações de poder que marcam os diferentes segmentos da população.

Percebemos que a cultura negra ainda é desconhecida – apesar das ações que são elaboradas em nosso cotidiano se remetam a traços culturais negros como a prática da capoeira, o hábito de se consumir algumas comidas tipicamente africanas, a exemplo do angu ou do mungunzá, ou se dançar alguns ritmos nascidos através dos escravizados.

Trabalhar a literatura africana na sala de aula trará aos alunos a oportunidade de conhecer outra África, a não contada, como a beleza das cores, dos cheiros aromáticos, o pensamento de uma cultura não explorada, conhecerem o “diferente”, mas importantíssimo no cotidiano

escolar, fazer abordagens positivas para que esses alunos africanos ou afrodescendentes desenvolvam orgulho da sua cor, trazendo reconhecimentos históricos de sua origem, assim as pessoas que confundem literatura africana com religião passarão a conhecer e poderão desconstruir esses estereótipos criados pelo eurocentrismo onde o negro é só o escravo, o pobre, o sujo, o feio, e sim aprender sobre a beleza natural dos negros, é uma etnia linda, ter um novo olhar em relação às histórias africanas. Procurar compreender que somos diferentes e nossas culturas são diversificadas.

3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A história contada através da oralidade permite a interação entre contador e ouvintes. Muitos educadores ainda não descobriram o quanto as histórias podem ajudá-los a aumentar o interesse pelas aulas ou permitir a autoidentificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos, agrada a todos sem fazer distinção de idade, classe social ou modo de vida.

Porém, é preciso resgatar a Contação de Histórias dos Contos Africanos Infantis nas escolas, elaborando Projetos de Formação de Leitura e conhecimento da Diversidade Cultural Africana para que os professores possam trabalhar essa literatura, exercitar com seus pequenos ouvintes, que além dos contos infantis europeus, existe uma riqueza intelectual e importantíssima na leitura africana. O Projeto da leitura africana com mais frequência será um aperfeiçoamento desta prática pedagógica na arte de narrar histórias. Diversificar a diversidade da Contação de Histórias, processo de sistematização do sujeito em adquirir signos e símbolos como instrumento de aprendizagem. Pluralizar os contos africanos ampliando a oferta que hoje se concentra apenas nos Clássicos Europeus. Para que isso ocorra sem constrangimento e frustração da criança, precisamos saber como fazê-lo.

Fanny Abramovich (2010), em *Gostosuras e Bobices*: tem evidências claras da importância de se contar história, de como fazer, pois existem várias técnicas que muitas pessoas desconhecem e acabam sendo um péssimo narrador, frustrando o entusiasmo da criança.

Betty Coelho (2009), em *Contar história uma arte sem idade*: apresenta-nos vários fatores que nos ensinam os caminhos a que devemos percorrer ao escolher uma história para contar, nos mostra que não há idade certa e não há limites de se ouvir ou narrar histórias, basta querer.

Através deste livro obtivemos o conhecimento de várias técnicas para um bom contador de histórias.

O narrador está desaparecendo, não existe mais aquela troca de informação, aquela conversa onde as experiências automaticamente são trocadas, não damos mais valor aos mais velhos, as histórias de antigamente, hoje em dia a tecnologia tomou conta de tudo, fazendo com que o narrador entre em extinção, mas, interessante mesmo foi a descoberta para nossa pesquisa sobre contação de histórias africana e contos infantis africanos foi que localizamos com tamanha satisfação e prazer os “GRIOTS”.

Definição de griots:

[...] Griots é como são chamados, em alguns povos da África, os contadores de histórias. Possuem uma função especial que é a de narrar às tradições e os acontecimentos de um povo. O costume de sentar-se embaixo de árvores ou ao redor de fogueiras para ouvir as histórias e os cantos perdura até hoje. Os griots também são músicos e muitas vezes as narrativas são cantadas. O Império Mali, sob o comando de Soundjata Keita, por volta do século XIII confere importância notável a esses sábios. A construção da história de base oral é marca dos povos africanos antigos e o griots tem papel fundamental em sua estruturação. (*blog - Ensinar História - 21/05/13*).

Quando se ouvia assobiar, as crianças sabiam que era hora da história: da tribo, sobre a vida cotidiana e sobre guerras e batalhas. Os narradores conheciam as histórias do povo. Antes não havia a linguagem escrita na África. Eram os griots que preservavam e transmitiam a cultura de seu povo para seus descendentes. Só tinha um contador de histórias por aldeia. Os griots não eram os únicos que contavam histórias. Qualquer pessoa contava: "corram a história vai começar!" Mas, os griots eram os mais importantes contadores de histórias. Eles ensinavam a formação cultural pela narração de histórias, da religião, da alimentação, dos desenhos, nas músicas, representando com os instrumentos, os cantos, as danças, a capoeira, etc. A África bem afluyente no nosso Brasil. Pode se passar anos e anos, novas histórias, novos triunfos e novas aventuras, serão contados as histórias boca a boca, pelos livros e pela tecnologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada teve o objetivo geral de apresentar a contação de histórias dos contos infantis africanos, as observações que obtivemos através de estudos relacionados a questões sobre o ato de narrar e de conhecer uma boa história, em perceber que algumas pessoas não recebem uma boa formação na infância, pela falta de se ler histórias, sendo elas africanas ou não, de uma forma geral pelos pais ou professores colaboradores da Educação.

A oralidade basicamente é pouco utilizada, mas se a arte de narrar for exercida cuidadosamente com a contação de histórias, haverá uma grande possibilidade de se ter novos **cidadãos críticos e pensantes**, os educandos afros descendentes reconhecerão a sua origem e assumirão uma posição na sociedade em que estão inseridas.

Uma narrativa bem elaborada na contação de histórias de um conto africano infantil que traz a beleza colorida, alegre e que tem uma cultura diferente e os seus costumes diversificados, despertará na criança a existência de uma etnia que merece o respectivo respeito possibilitando que as crianças possam transmitir aos pais as novas e interessantes informações adquiridas através da leitura. Para a aprendizagem nada é tardio.

Nessa perspectiva esta arraigado a contação de histórias onde segundo o narrador está em vias de extinção, muitas vezes pela falta de tempo, por não dar importância mesmo para escutar um ao outro, as novas tecnologias, com isso se afasta cada vez mais a oralidade, é preciso resgatar a narrativa como sendo parte do desenvolvimento, instigando a imaginação da criança.

Muitos autores nos favorecem não só com os contos infantis europeus, mas também com grande acervo de contos e histórias africanas e indígenas. Nossas matrizes são diversificadas e formam a nação brasileira, ricas em culturas.

Nosso enfoque nos contos infantis africanos, nos fazem ter uma reflexão sobre a injustiça e discriminação racial, vivida por aqueles reconhecidos tão somente como escravos.

A história da etnia africana deverá ser recontada de uma forma menos humilhante, mas realista, oferecendo prazer e aceitação da cultura africana.

Mesmo tendo as lutas e as reivindicações descritas na resolução salva na legislação nacional do Brasil pela lei vigente 10.639/2003, isso não significa que houve uma mudança nas relações sociais.

Adentrar na pesquisa com uma revisão da história africana e afrodescendentes, nos possibilita enxergar um Brasil de poder cultural inigualável e pouco aproveitado, observando que necessita de uma busca sucinta que possa vir reparar os danos que sempre se repetem.

“Sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que p, em função desta, reproduzir consciente e inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade”
(MUNANGA, 2005 p. 15)

“SOMOS TODOS FILHOS DE UMA MESMA MÃE, ESSA TERRA CHAMADA BRASIL!!!”

ANEXO

INDICAÇÕES PARA LEITURA

12 LIVROS INFANTIS PARA TRABALHAR RELAÇÕES RACIAIS NA ESCOLA

1. **Todas as cores do negro.** Texto e ilustrações de Arlene Holanda. Brasília/DF: Conhecimento, 2008.
2. **Menina bonita do laço de fita.** Texto de Ana Maria Machado e Ilustrações o de Claudius. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.
3. **A Cor da vida.** Texto de Semíramis Paterno. Belo Horizonte/MG: Editora Lê, 2008.
4. **Obax.** Texto e ilustrações de André Neves. Rio de Janeiro/RJ: Brinque-Book, 2010.
5. **O livro das origens.** Texto de José Arrabal e ilustrações de Andréa Vilela. São Paulo: Paulinas, Coleção Mito & magia.
6. **Bruna e a galinha d'Angola.**
7. **A História do Rei Galanga.** Texto de Geranilde Costa e ilustrações de Claudia Sales.
8. **Ifá, o Adivinho.** Texto de Reginaldo Prandi e ilustrações de Pedro Rafael. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.
9. **Minha mãe é negra sim!** Texto de Patrícia Santana e ilustrações de Hyvanildo Leite. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008
10. **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!** Texto de Lucimar Rosa Dias e ilustrações de Sandra Beatriz Lavandeira. Editora Alvorada, 2012.
11. **África: um breve passeio pelas riquezas e grandezas africanas.** Texto de Fernando Paixão e ilustrações de Kazane. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
12. **Omo-Oba-Histórias de Princesas.** Texto de Kiusam de Oliveira e ilustrações de Josias Marinho. Mazza Edições, 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil Gostosuras e Bobices**. Editora Scipione. 1997.

BENJAMIM, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221. Disponível em: <http://sentidosocial.com.br/analise-do-ensaio-de-walter-benjamin-o-narrador-consideracoes-sobre-obra-de-nikolai-leskov/> Acesso em: 16 set. 2016

COELHO, Betty. **Contar História**: uma arte sem idade. São Paulo: Editora Ática, 1986. 78 p.

GERALDI, João Wanderlei. Concepções de linguagem e ensino de português. *In: O texto na sala de aula*: leitura e produção. 2. ed. Cascavel, Assoeste p.41-48 (1984).

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. Brasília, 2005; Heloisa Pires Lima (org.).

Artigos

<http://baudashistoriasepoemas.blogspot.com.br/search/label/%C3%81frica> Acesso em: 14 mar. 2017

<http://ensinarhistoria.blogspot.com.br/2013/05/quem-sao-os-griots.html> Acesso em: 15 maio 2017

http://portal.mec.gov.br/?option=com_content&view=article&id=16146 Acesso em: 22 fev. 2017

<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249POR.pdf> Acesso em: 22 fev. 2017

<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>

<http://www.geledes.org.br/plano-de-aula-identidade-negra-e-racismo/#gs.4EFd2Bs> Acesso em: 05 abr.2017

http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/5.10.pdf Acesso em: 08 abr. 2017

<http://www.planalto.gov.br/ccivil03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm> Acesso em: 03 maio 2017

<http://www.relacoesraciaisnaescola.org.br/site/glossario.html> Acesso em: 08 mar. 2017

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0002-05912012000200009/> Acesso em: 08 mar. 17

<http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364956827ARQUIVOArtigoanpuhRafaela2013doc.pdf> Acesso em: 08 mar. 2017

<https://pretassimoa.wordpress.com/2014/11/25/12-livros-infantis-para-trabalhar-relacoes-raciais-na-escola/> Acesso em: 19 abr. 2017

<https://pt.wikipedia.org/wiki/JosephKi-Zerbo> Acesso em: 18 out. 2016.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/KabengeleMunanga> Acesso em: 18 out.2016.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/WalterBenjamin> Acesso em: 18 out. 2016.

www.geledes.org.br/tag/contos-africanos Acesso em: 05abr. 2017

www.unesco.org/new/pt/brasil/education/inclusive.../general-history-of-africa/ Acesso em: 14 mai. 17

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do?first=50&skip=0&ds_titulo&co_autor&no_autor&co_categoria=132&pagina=1&select_action=Submit&co_midia=2&co_obra&co_idioma&colunaOrdenar=DS_TITULO&ordem=null

Volume I: Metodologia e Pré-História da África (PDF, 8.8 Mb) ISBN: 978-85-7652-123-5